

REVOLVIMENTO DOS SENTIDOS: A FUNÇÃO DO ESDRÚXULO NA REVISTA *PIAUI*

Marina Lee COLBACHINI¹

RESUMO: A força da ficção para pensar o real reside na linguagem. Ao se mostrarem como ficção, Literatura e Jornalismo podem desvencilhar-se da tentativa de mimetizar o real e buscar por novos mundos, novas maneiras de significar o devir, o tempo. Pré-lançada na Festa Literária de Paraty em agosto de 2006, a revista *piuí* traz, mesmo que indiretamente, uma reflexão sobre as relações e tensões entre Jornalismo e Literatura, Ficção e Realidade. Sua postura garante espaço para o inusitado tanto em termos de forma quanto de conteúdo. Neste artigo abordarei especificamente a questão do esdrúxulo e maneira como o mesmo se apresenta reiteradamente na revista. A proposta é trabalhar como o cartógrafo, cujo desenho “acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” (ROLNIK, 1989, p. 15). O objeto, isto é, o esdrúxulo na *piuí*, agora passa a ser chamado de paisagem.

Palavras-chave: Jornalismo; Literatura; Esdrúxulo; Revista *piuí*.

ABSTRACT: The strength of fiction to think what is real lays in the language. Journalism and Literature when seen as fiction can shake off the effort to imitate reality and search for new worlds, news ways to mean the time. Pre-released at the Festa Literária de Paraty in August, 2006, the magazine *piuí* brings, even indirectly the links and tensions between Journalism and Literature and also between Fiction and Reality. In this article I will approach especially the strange, the ways such effect presents itself time after time. The purpose is to work as a cartographer, whose drawings “follow and are drawn according to the movements of transformation in the landscape” (Rolnik, 1989: 15). The object, I mean, the effect of strange, is now the landscape.

Key words: Journalism; Literature; Strange; magazine *piuí*.

1. A revista, sua proposta e o esdrúxulo

Lançada na Festa Literária de Paraty, a revista *piuí* chegou mostrando a que veio e, em boa medida, delineando seu público-alvo. Ao participar ativamente na edição do evento em 2006, a publicação definiu (previamente) e apresentou publicamente suas parcerias. Com isso, estabeleceu com clareza a sua perspectiva jornalística e literária.

Obviamente não foi à toa o patrocínio de uma oficina focada na reportagem especial, em que no final os seis melhores participantes dos 40 inscritos estagiariam por dois meses na redação da revista. Também não foi por acaso a participação de João Moreira Salles, documentarista brasileiro e idealizador da revista, na abertura da oficina. Na seção de abertura, a edição número zero foi distribuída entre os participantes e mais uma vez a possibilidade do estágio foi

¹ Mestranda do Curso de Divulgação Científica e Cultural do Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor/IEL/Nudecri) da Unicamp, com bolsa Fapesp, processo 2010/03981-4, sob a orientação da profa. Dra. Graça Caldas. E-mail: marina_lee_@hotmail.com

anunciada, agora por Salles e presencialmente. Outro tiro certo foi a presença do documentarista na abertura da mesa sobre Jornalismo Literário, com Lílian Ross e Philip Gourevitch, ambos escrevem para *The New Yorker*² - revista americana que completou 85 anos de história no presente ano. Ao apresentar o tema da mesa e seus debatedores, Salles mostrou intimidade com o assunto, o que de certa maneira funcionou como um aval para que o rótulo Jornalismo Literário colasse na revista *piuí*.

O presente estudo procura questionar e refletir sobre alguns dos paradigmas do Jornalismo a partir de sua relação com a narrativa literária, por meio da proposição de um novo olhar, uma maneira diferente de tratar a informação, contida na *piuí*. Ao analisar e comparar as técnicas literárias e jornalísticas a recursos ficcionais capazes de compor efeitos, sentidos de realidade distintos, abre-se uma nova perspectiva para pensar a potência do JL. O Jornalismo procura recompor uma realidade imediata, palpável. A Literatura, uma realidade verossímil dentro de um enredo (Aristóteles, 1984). *piuí*, em alguns momentos, aborda realidades aparentemente inverossímeis, esdrúxulas, e nem por isso é meramente factual ou ficcional, mas se alimenta dessas duas modalidades narrativas.

É interessante como o esdrúxulo constitui uma marca identitária da revista que aparece com muita frequência, sobretudo em seções específicas como “cartas” e a o extinto “Horóscopo por Chantecler”. O esdrúxulo, especialmente nos trechos a serem discutidos neste trabalho, é visto enquanto um convite à fabulação, mas também se relaciona com a ironia. No esdrúxulo é o ideal de verdade quem é ironizado.

A revista faz vibrar a correlação entre verdade e informação por meio de uma ironia que vem na forma de esdrúxulo, de despautérios. Um esdrúxulo que não traz um novo mundo, mas uma forma de rir desse mundo no qual vivemos. Rir da vontade de compor verdades, divulgar informações úteis, fomentar o exercício da cidadania, da leitura crítica, vontade de democratizar a informação, já que se trata de um serviço público. Rir das naturalizações e loucuras inerentes ao discurso politicamente correto, tão próprio do campo do Jornalismo e mesmo das Humanidades que se firmam no belíssimo ideal de fazer do homem um bichinho melhor...

No que se refere à fabulação, a predominância de gravuras nas capas e nas páginas internas reitera o caráter fabulador de uma publicação que muito se permite, possibilitando ao

² BORGES, Júlio. **FLIP 2006 III** In: <http://www.digestivocultural.com/blog/default.asp?codigo=987> Acessado em setembro de 2010.

leitor recriar, fabular seu imaginário. Cometer barbarismos languageiros, publicar notícias inverossímeis, noticiar publicações que brincam com a ficção e não se propõem a estabelecer com clareza a distinção entre realidade e ficção, embaralhando suas fronteiras, alargando-as, são algumas de suas apostas. E é nesse entremeio, Ficção e Realidade, que a revista prefere habitar, local de signos moventes (TEDESCO e VALVIESSE, 2009).

Um exemplo bastante interessante é a matéria intitulada “Molvânia”, com a linha fina “os encantos de um país que ainda desconhece a odontologia moderna”, localizado na Europa Oriental, e divulgada na *piauí* logo na edição de lançamento nas bancas. Seus autores (Santo Cilauro, Tom Gleisner e Rob Sitch) haviam publicado, em 2003, o livro *Molvânia: a Land Untouched by Modern Dentistry*, um guia turístico, apropriando-se da linguagem deste tipo de texto (descontraída e divertida), para contar as peculiaridades de um país inexistente e avesso aos encantos do turismo convencional. A crítica mais recorrente ao livro foi que ele incitava o preconceito, pois se firmava no estereótipo dos países pobres da Europa Oriental e, por isso, muitas pessoas o supunham factual. Abaixo, um recorte do texto introdutório da matéria.

Apesar de ser um dos menores países da Europa, a República da Molvânia tem muito a oferecer ao turista exigente. Vistas panorâmicas, imponente arquitetura neoclássica e séculos de devoção à alta cultura existem, obviamente, em pouquíssima quantidade. O intrépido viajante encontrará ainda assim, o que apreciar nessa nação única e encalacrada - desde as atrações da capital Lutemlag, com a sua encantadora rede ferroviária movida à gás, até as espessas florestas das Montanhas Postenwalj, no Sul, onde os visitantes podem inebriar-se com um copo de zeerstum (conhaque de alho) de fabricação local enquanto assistem a um camponês com roupas típicas bater na sua mula. (*piauí_1*, outubro de 2006, p. 56)

A matéria continua, apresentando boxes com dicas culturais e frases úteis a serem usadas nesse país inóspito, repleto de atrações inusitadas. Para além de uma apropriação das expressões presentes em guias turísticos e do estereótipo da pobreza europeia, há a construção de uma língua, traços e trejeitos culturais que demonstram a ficção enquanto realidade capaz de mobilizar a ideia de nação, tão cara a nossa sociedade, e, ao mesmo tempo, construída sobre a imagem de uma propriedade cultural que se institui por meio da linguagem, da fabulação.

Graciela Montaldo define a propriedade da cultura como “aquilo que pertence a comunidades culturais e que também lhes escapa, aquilo que jamais terá dono, mas que, ao mesmo tempo, está em permanente disputa” (2004, p. 9).

Mas afinal, o que está em disputa? Creio que a realidade da ficção, isto é, a potência criadora da linguagem, sua capacidade de construir novos mundos, que apesar de engessada pelas instituições e formas de poder, podem, de dentro delas, embaralhá-las, confundi-las, permitindo pensar o novo.

piauí, por vezes, coloca em cena um jornalismo que faz da ficção sua força motora, que de dentro de uma revista de divulgação cultural, implode naturalizações, discutindo-as, ainda que de forma enviesada. Naturalizações acerca do que é Cultura, Literatura, Jornalismo, Realidade, Ficção, contudo sem defini-los, estancá-los, mas concedendo movimento a eles.

Para Deleuze e Guattari (1997) a linguagem tanto fixa sentido, quanto permite a transformação de si e do mundo.

O diálogo entre essas duas dimensões da linguagem configura um traçado contínuo, móvel e criador. Entre produção e criação não há subjugação, mas engendramento constante, no qual as formalizações são necessárias, mas não excludentes (TEDESCO, 1999). Como uma senha de passagem, sempre presente em cada palavra de ordem, a potência de criação da linguagem resiste às paradas e, instalando-se no movimento incessante, inaugura portos que descortinam novos horizontes e possibilidades, revelando o fluxo movente da vida. Esta senha é como uma saída do labirinto, o encontro com a transição que contém as chaves do inesperado e do indecidível (PEREIRA, 2006). (TEDESCO e VALVIESE, 2009).

Somente na medida em que a publicação se deixa envolver com a linguagem, torna-se possível revolver sentidos já dados, instaurar novas políticas do dizer, capazes, talvez, de gerar outras maneiras de agir, de pensar.

Em *piauí*, o horóscopo também não tem uma feição utilitária, de tutoramento. É mais uma desconstrução desta concepção numa perspectiva irônica. Salles (2007)³ aponta, em entrevista, que a seção tem a condição de ser escrita por alguém que não acredite em horóscopo. Abaixo, exemplos dessa reconstrução do zodíaco que revela mais uma vez o caráter transgressor da revista.

VIRGEM [23.08-22.09] Para os virginianos que adoram ordem no meio da desordem, pequenos rituais individuais são substitutos mais eficientes para os rituais coletivos, que tendem a ser niveladores e dogmáticos. Identifique os pequenos rituais que você já cultiva e não pense duas vezes antes de criar novos. Experimente, por exemplo, passar alguns minutos por dia estourando as bolhinhas de um plástico-bolha - mas nunca, jamais, em dia de Lua nova e na companhia de um sagitariano: as consequências podem

³ SALLES, João Moreira. “João Moreira Salles fala sobre revista *piauí* e evita o jornalismo literário”. Entrevista concedida a Marcelo Tavela. 16 de Maio de 2007. In: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl> Acessado em 24.08.2010

ser nefastas. Depois de exercitar seus pequenos rituais pessoais, o simples ato de sair para a rua e pegar um ônibus, ou entrar em um shopping, proporcionará aquela fisgada de uma experiência coletiva e sagrada. (*piauí*, outubro de 2006, p. 69)

CAPRICÓRNIO [22.12-20.01] Todos os erros que você cometeu na vida foram por excesso de bondade. É hora de errar por maldade, por egoísmo, por insensibilidade. Torre seu dinheiro em benefício próprio. Informe a todos que dependem de você que de agora em diante eles estão sozinhos. Compre um revólver. Compre uma moto. Fique doente e torne-se um fardo. Já está na hora. (*ibidem*)

AQUÁRIO [21.01-19.02] A qualquer instante, qualquer coisa que pode acontecer tem 50% de chance de acontecer e metade de não acontecer. Qualquer outra estatística é bobagem. Neste exato momento, se você olhar pela janela, há 50% de chance de você ver um cachorro ser atropelado. Se você fechar esta revista e reabri-la, há 50% de chance de dar de cara com esta mesma página. Observe o mundo com distanciamento e verá que isso é verdade. Só não espere que essa revelação torne sua vida mais feliz. (*ibidem*)

A linguagem do gênero textual horóscopo é apropriada, porém numa tentativa de implodi-la por dentro, propondo absurdos, desfazendo naturalizações, evidenciando as arbitrariedades dos mandos e desmandos de alguém que se diz capaz de ler o futuro mensal de cada signo aplicado a diferentes pessoas. Na primeira edição, o(s) autor(es), cujo nome fictício é Chantecler, expõe os motivos que o levaram a escrever o horóscopo do mês.

Apesar da remuneração pífia, aceitei o convite para escrever o horóscopo deste mês de piauí por duas razões, ambas de cunho materialista, se bem que uma seja utilitária e a outra, política. Primeiro, porque é melhor ganhar um dinheiro medíocre do que nenhum. E depois porque, como ensina o sagitariano Arnaldo Jabor, o zodíaco é terreno apropriado para propagandear a yoga tântrica, em baixa desde a invasão do Iraque, mas ainda assim a única bússola capaz de orientar as massas oprimidas rumo, se não às telenovelas, ao menos a um mensalão, ou a um cargo de confiança ou, para os chegados a uma adrenalina, um a dossiê com razoável chance de comercialização num segundo turno estadual. (*ibidem*, p. 69)

Observo que a proposta do texto não é fazer sentido, propor uma lógica, – como se os horóscopos convencionais tivessem alguma – mas, talvez brincar com tudo aquilo que o leitor já tem como dado. “Não para o leitor da *piauí*”, poderiam dizer alguns, formado por jovens universitários, estudiosos da comunicação, ou mesmo por pessoas bem informadas e de bom humor, conforme diz Salles (2007). Acontece que os trechos aqui destacados estão logo na primeira edição, momento em que este público ainda estava se configurando, em que era construído por meio da publicidade e dos veículos nos quais a publicação anunciava sua chegada,

trata-se de um público que falta⁴, inexistente, em construção, um canteiro a céu aberto (PELBART, 2000, p.8).

Revistas de divulgação cultural, sobretudo aquelas tidas como sérias ou “chatas”⁵, em geral, não apresentam horóscopos. Fogem de qualquer proposta de um mundo oculto a ser revelado, posto que tudo nelas apresentado é ajuizado, controlado, digno de atenção. Na *piauí*, o foco está no prazer e não necessariamente na atenção concentrada. Em outras palavras, dá-se prioridade à fruição do texto sem que o leitor seja obrigado a entender cada parágrafo no sentido cartesiano do que configura o entendimento. Diz-se que a revista é constituída por textos opinativos, contudo não é a opinião ou mesmo a argumentação em defesa de um ponto de vista que configuram os atores principais da publicação. Creio que se trata da fabulação. Uma linguagem própria da cultura.

Há uma edição em que o horóscopo, em outro exemplo, é finalizado com a apresentação de um mesmo destino mensal para quatro signos conforme pode ser visto abaixo:

SAGITÁRIO, CAPRICÓRNIO, AQUÁRIO, PEIXES [de 22 de novembro a 20 de março] Desculpa, gente boa, mas o horolégio zodiacal continua negando fogo. Isso é sinal certo de que, para vocês todos, nascidos sob estes signos, a vida continuará a mesma bosta de sempre. Rotinas, vexames e humilhações, falta de dinheiro, mulher debochando e passando para trás, falsidades de amigos, aquilo tudo a que já deveriam estar acostumados, mas cismam de acreditar que alguma besteira vai dar uma mãozinha em tudo. Já pensaram em ir de shakra, em vez de ficar perdendo tempo com coisas como as que leram aqui? Sai mais em conta e é menos vexaminoso. Passar bem. Se conseguirem. Coitados. (*piauí*, dezembro de 2006, p. 67)

Na mesma edição, o signo de gêmeos é premiado com o horóscopo em francês:

GÉMEAUX [du 21 mai au 21 juin] Vous êtes tenace, robuste, chaleureux. Patient et volontaire, vous arrivez aux résultats fixes d’autant plus que vous alliez énergie et puissance de travail. Vous traversez parfois des périodes de nonchalance, voire de paresse. Pourtant c’est votre sens du devoir qui l’emporte et vous reprenez le joug. Vous jouissez de la vie en sensuel. Vous aimez la nature et les joies simples qu’elle procure; vous aimez vous entourez de jolies choses, de matériaux nobles. Votre vitalité et votre

⁴ Deleuze ao discutir a Arte, sobretudo o cinema, chega à conclusão de que as grandes obras dirigem-se a um povo que falta, que pode ser construído por meio dos novos perceptos e afectos sugeridos pela Arte (DELEUZE, 1990, p. 258-259). Desse modo, transponho a imagem de povo que falta para a ideia, na proposta da *piauí*, de um público que falta, que ainda não está pronto, que é, portanto, exercício de fabulação.

⁵ Em entrevista a Marcelo Tavela, Salles fala de diversos aspectos da publicação, entre eles sobre o tema Revista chata: “Posso afirmar com segurança: a *piauí* não é uma revista chata. Há cadernos culturais pelo País que as pessoas leem como criança comendo espinafre, quase que por obrigação. A *piauí* não é assim, ela é bem humorada. Eu e o Mario Sérgio [*Conti*, editor da revista] insistimos para que ela tenha humor. O que não pode acontecer é confundir chatice com leitura. Não se lê a *piauí* como se corre na esteira – que, aliás, é a coisa mais chata do planeta” (SALLES, 2007).

fantaisie attirent les autres et la compagnie de «courtisans » vous dope. Vous aimez rire, vous brillez en société mais lorsque vous êtes de mauvaise humeur, votre mutisme ne se déridera en général que si les autres font le premier pas. Vous allez cueillir les fruits des mutations commencées em 2005. Dommage que vous êtes monoglotte (*ibidem*, p. 66)⁶.

Noutro número, Chantecler diz ter pesquisado em diversas fontes, mas não encontrou indícios do porvir para o signo de sagitário, e o mais surpreendente, descobriu a inexistência dos aquarianos.

Sagitário [22.11-21.12] Consultei toda a minha imensa biblioteca especializada, auscultei os céus. Pela primeira vez em meus 70 anos de profissão, confesso humildemente meu fracasso. Simplesmente, não posso lhe fazer nenhuma previsão. Se quiser, consulte outro astrólogo - nove entre eles, charlatões; o décimo ainda não nasceu. Se este vácuo, sagitariano, lhe provocar horror e impotência ante a perspectiva de não ter nenhuma orientação, embarque imediatamente para a Lapônia, cálida região onde vive meu mestre, Mika Waltari. Ele nunca recebe ninguém, nem a mim, mas todo dia, às 5 horas da tarde, aparece em algum lugar da Lapônia e pronuncia indecifráveis oráculos, em várias línguas.

LIVRO Não sei que nada sei, texto apócrifo de um filósofo sofista grego. (*piuí*, novembro de 2006, p. 68.)

Aquário [21.01-19.02] Aquariano, vou deixá-lo na mão. Os estudos mais recentes do maior astrônomo-físico do mundo, Fritz Loewental, professor sênior da Universidade de Princeton e diretor do Departamento Especial de Pesquisa de Fraudes Astronômicas, revelam que o signo de Aquário simplesmente não existe, nunca existiu e os signos do Zodíaco são apenas 11. Portanto, desde os Maias, estivemos errados. Os outros astrólogos poderão mais uma vez enganá-lo com previsões, mas tudo indica que Loewental está correto. Faça o que lhe der na telha, como diria Machado de Assis em uma de suas cartas inéditas. Boa sorte. LIVRO Ex-aquariano, adeus. Nada mais lhe será indicado. (*ibidem*)

Na radical e constante quebra daquilo que comumente se espera, reside um efeito cômico e, certamente, uma das proposições mais vigorosas da revista: a ideia de uma leitura que não é marcada por um contrato em que quem escreve apresenta o que o leitor quer ler, mas que quebra expectativas, gera estranhamentos e instiga a leitura. Expectativa de continuidade, de totalidade do zodíaco mensal, que por sua vez, acarretam a possibilidade de questionar o real e inclusive a arbitrariedade constitutiva das formações de sentido de tudo aquilo que chamamos de

⁶ Tradução livre: “Você é tenaz, robusto, caloroso. Paciente e decidido, você obtém resultados sólidos à medida que você melhor combinar energia e poder de trabalho. Você atravessa períodos ocasionais de ociosidade, até mesmo de preguiça. Entretanto, é o seu senso de dever que prevalece ao retomar o jugo. Você goza a sensualidade da vida. Você ama a natureza e as alegrias simples que ela proporciona. Você ama se cercar de coisas bonitas, de materiais nobres. Sua vitalidade e sua fantasia atraem os outros e a companhia dos “cortesões” te entorpece. Você ama rir, você brilha em meio aos outros mas quando está de mau humor seu mutismo não se dissolverá a não ser que os outros deem o primeiro passo. Você vai colher os frutos da mudança que começou em 2005. Pena você ser monoglota”.

realidade. A leitura do horóscopo constitui uma previsão do porvir, da realidade futura, a qual muitos se apegam, mas que tem um caráter ficcional bastante evidente e, ao mesmo tempo, mascarado pelas imagens de totalidade e continuidade. Daí a potência de se brincar com os sentidos do horóscopo, revolvendo-os.

2. O leitor e fabulação

A Festa Literária de Paraty é conhecida nacional e internacionalmente, e une escritores do mundo inteiro, muitos deles vencedores de concursos literários. Lanço aqui a hipótese de que o perfil dos participantes não é apenas de pessoas que gostam de ler, mas também de pessoas que tem prazer em escrever. Segundo a cobertura de 2006, feita por Júlio Daio Borges⁷, boa parte dos debates e seminários foram voltados para o ofício da escrita, o que para ele era uma tentativa de empurrar as pessoas para esta prática⁸.

Por outro lado, esta hipótese leva-me a fazer a seguinte inferência: o teor, a forma, as ironias e os trocadilhos vistos na seção de cartas dos leitores da *piauí* somados ao perfil do público da FLIP, que foram os primeiros a conhecer a revista, corroboram a imagem de um leitor que também é escritor, um fabulador. No início, logo na terceira edição, é possível observar a ira de uma consumidora que não vê utilidade para os textos apresentados na revista. Segundo ela, não há informação.

DESPERDÍCIO DE PAPEL

Nem entretenimento, nem informação, nem cultura, nem nada. Histórias descabidas, descontextualizadas, sem sentido, sem interesse. Não quero desfazer do trabalho de ninguém, quem sou eu. Mas à época em que vivemos, gastar tanto papel assim, mesmo que seja reciclado, *para não falar nada*, é no mínimo desperdício. CAMILA TEBET_RIBEIRÃO PRETO

NOTA DA REDAÇÃO: E o pior que o papel nem é reciclado. (*piauí* 3, dezembro 2006, p.69)

⁷ BORGES, Júlio. **FLIP 2006 III** In: <http://www.digestivocultural.com/blog/default.asp?codigo=987> e **FLIP 2006 IV** In: <http://www.digestivocultural.com/colunistas/coluna.asp?codigo=2042> Acessados em setembro de 2010.

⁸ Ao mesmo tempo, é interessante notar o aumento da procura por oficinas literárias no Brasil, resultando no lançamento de novos escritores, conforme atesta a matéria “O Forjador de Escritores”, feita por Arlete Lorini, em out. de 2008. In: http://bravonline.abril.com.br/conteudo/literatura/livrosmatéria_346071.shtml Acessado em outubro de 2010.

Por outro lado, há desde o início, leitores que de fato entram no jogo criador da publicação e ousam fabular outras coisas, como este que resolve compor os desígnios à moda de Chantecler para a seção de horóscopo extinta a partir da 12ª edição.

CHANTECLER VIVE

Os astros bem que tentaram me alertar... Após duas edições, fui tomado pelo pânico. Chantecler foi realmente para os confins astrológicos (?) Particularmente, prefiro acreditar que não, pois creio que a influência de Saturno sobre o planeta anão levou nosso grande guru à reclusão temporária, para recarregar suas energias (cósmicas) e seus conhecimentos sobre a vida e a morte. Porém (acredito eu), com o movimento lunar atípico previsto para no máximo até o fechamento da próxima edição de **piauí**, Chantecler poderá retornar a abrilhantar meus dias com suas previsões lacônicas. Sendo assim, continuo fielmente a adquirir a minha cota de sinapses mensal, mas até quando esperar?! LEANDRO HIROSHI KANNO_SÃO PAULO/SP.

NOTA DA REDAÇÃO: Continue comprando. Turbinado por Plutão, Chantecler voltará com força total a **piauí** no dia 30 de fevereiro. (*piauí_15*, dezembro de 2007, p. 82)

No dia **30 de fevereiro**, alega a nota da redação, que prefere brincar com o leitor em vez de dizer que a seção foi de fato extinta.

Neste sentido, o inusitado e esdrúxulo não indicam ausência de informação, mas ênfase na capacidade criadora. E a participação dos leitores indica que eles se sentem de fato convidados até mesmo a passar-se por morador da Molvânia, país cujas belezas foram apresentadas na primeira edição da revista.

Saudações molvãs! Folguei muito em ter notícias de minha saudosa Molvânia, onde tive o prazer de morar, nos idos de 1937, quando de meu engajamento nas fileiras da Juventude de Tzoric. Tempos áureos, aqueles, em que tivemos a oportunidade de barbarizar aldeias singelas, que lembram uma Andaluzia toda feita de amianto. Na condição de único negro no país, sempre fui recebido com a habitual hospitalidade molvã, levando impropérios, cusparadas e pedradas. PASTOR CLODOANO_NITERÓI (*piauí_2*, novembro de 2006, p. 69)

Assim como na matéria veiculada na edição de outubro de 2006, no artigo “Molvânia”, não há uma preocupação com os dizeres politicamente corretos. Também não há regras ou tabus que não possam ser ironizadas. Os estereótipos são esticados, alargados, tensionados. Em vez do preconceito, impera o riso diante dele.

Outro dado bastante interessante é que, apesar da influência do Novo Jornalismo, ou do jornalismo narrativo, Salles prefere não usar o termo Jornalismo Literário por achá-lo pomposo

demais (TAVELA, 2007)⁹. A meu ver, essa fuga do atributo literário garante mais liberdade à publicação. Se fosse encarada apenas como literária, ou ainda, artística, surgiria a necessidade de carregar estas definições, levá-las a sério, como uma espécie de amuleto que valida sua importância.

Por outro lado, o tom brincalhão quebra pedestais, desfaz os sentidos já dados para o que é literário ou artístico. O interessante é perceber que, apesar de usar recursos literários diversos, predomina o prazer no exercício dessa potência da linguagem, mas sem que a linguagem torne-se hermética e incompreensível, ou mesmo um fim em si mesma.

Há sempre uma tentativa de ironizar a Cultura, o Jornalismo, a Literatura, a Ficção e a Realidade, o que exige que o leitor perceba essa ironia que atravessa as páginas, justamente para compreender que se trata de uma revista que não se leva a sério, mas que também não leva a sério o próprio leitor. Basta observar algumas repostas dadas na forma de “nota da redação” às cartas dos leitores para perceber que o vocabulário mais rebuscado ou mesmo a ironia é uma defesa da criação enquanto ato constante, e que muitas vezes obriga o leitor a sair dos seus eixos, da esteira em que corre para buscar informações.

NOVA ORTOGRAFIA

Embora tenhamos mais tempo para nos adaptarmos às novas regras ortográficas, gostaria de saber porque a **piauí** ainda não utiliza essas novas regras. São várias ideias com acento, outras tantas assembleias também. Suelen Cerbaro_BRUSQUE/SC.

NOTA DA REDAÇÃO: Nossa idéia, adotada sem unanimidade numa assaz conturbada assembléia geral – na qual os reformistas à força de laboriosas manobras, anacolutos impolutos e catacrese cretinas, levaram a melhor -, é piauízar a nova ortografia por ocasião do nosso terceiro glorioso aniversário, em outubro próximo. (*piauí_34*, agosto de 2009, p. 64)

É curioso notar a na resposta da revista, contida na nota da redação, a presença de termos mais sofisticados, mas também mais antigos, empoeirados no dicionário pelo passar do tempo. Por essa insistência em adjetivar à moda antiga, *piauí* tem um ar retrô, contudo não numa chave nostálgica e sim uma opção deliberada de utilizar termos incomuns, que estão longe da linguagem homogeneizada, pasteurizada da imprensa diária e que, ao mesmo tempo, se auto-ironizam pois constituem um anacronismo que por vezes leva ao riso.

⁹ TAVELA, Marcelo. “João Moreira Salles fala sobre revista piauí e evita o jornalismo literário. 16 de maio de 2007”. In: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl> Acessado em dezembro de 2008.

Assim, vê-se que o esdrúxulo pode carregar a ironia, ampliando suas fronteiras por tornar estranho não necessariamente o que está posto, dado e naturalizado em nossa sociedade, mas a maneira como tais naturalizações se solidificam. E é de dentro de discursos sedimentados, seja o guia turístico, o horóscopo ou mesmo nas respostas do editor, que *piauí* empreende um movimento de ruptura com os paradigmas de tais gêneros, levando-nos a questionar porque cremos neles e porque seu efeito de real é tão forte para nós.

3. Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **A poética clássica**. São Paulo, Cultrix, 1997.

BORGES, Júlio Daio. **FLIP 2006 III e FLIP 2006 IV**. In: www.digestivocultural.com/blog
Acessado em setembro de 2009.

DELEUZE, Gilles. **A Imagem-Tempo**. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**, V. 5. São Paulo-SP: Editora 34, 1997.

MONTALDO, Graciela. **Propriedade da cultura**, Chapecó: Argos, 2004.

PELBART, Peter Pál. **A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras-Fapesp, 2000.

piauí_0, setembro de 2006 até *piauí_49*, outubro de 2008 (totalizando 50 revistas).

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental – Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

TAVELA, Marcelo. “João Moreira Salles fala sobre revista *piauí* e evita o jornalismo literário”. 16 de maio de 2007. In: <http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=36409&Editoria=8&Op2=1&Op3=0&pid=52548226756&fnt=fntnl> Acessado em dezembro de 2008. <http://blogdarevistadiners.blogspot.com/>

TEDESCO, Silvia Helena. Literatura e a clínica: ato de criação e subjetividade. In: MACIEL, Auterives; TEDESCO, Silvia; KUPERMAN, Daniel (Org.). **Polifonias: clínica, política e criação**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2005. p. 141-152.

TEDESCO, Silvia Helena. A natureza coletiva do elo linguagem-subjetividade. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 85-89, 2003.

TEDESCO E VALVIESSE, “Linguagem e criação: considerações a partir da pragmática de Bérson”. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Vol. 61, No 2, 2009. In: [Http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/viewArticle/287/321#1](http://146.164.3.26/seer/lab19/ojs2/index.php/ojs2/article/viewArticle/287/321#1) Visitado em junho de 2010.